

O MILIONÁRIO DA PALHA DE ARROZ DE *UJI SHÛI MONOGATARI*

Luiza Nana Yoshida

“O milionário da palha de arroz” é um tipo de história antiga, cujo tema gira em torno da obtenção de riqueza, através de trocas vantajosas.

Em *Uji shûi monogatari*, temos a história “Sobre um homem que recebeu graças, depois de rezar no Templo Hase” (História nº 5 - v. VIII), cujo resumo apresentamos abaixo.

Resumo

Era uma vez, um jovem que, desempregado, foi pedir ajuda à deusa Kannon, no Templo Hase.

Na madrugada do 21º dia de oração, ele teve um sonho. Seguindo as orientações recebidas durante o sonho, ele toma nas mãos a primeira coisa em que toca quando sai do templo: uma palha de arroz. Nisso, uma mutuca começa a irritá-lo, voando em volta de seu rosto. Ele pega, então, a mutuca, amarra-lhe pelo dorso com a palha e prende a outra ponta na extremidade de um galho. Quando andava assim com a mutuca, depara com uma carruagem, cuja passageira, uma garotinha, interessa-se pela mutuca.

O jovem dá-lhe, então, a mutuca. Em troca, recebe três laranjas. Mais adiante, dá as laranjas para uma mulher que estava à procura de água para saciar a sede, recebendo em troca alimentação e três cortes de tecido. Mais adiante ainda, troca um dos cortes do tecido ganho por um cavalo que morrera repentinamente. Volta-se para a direção do Templo Hase para pedir que o cavalo ressuscite, e logo é atendido no seu pedido. O outro corte de tecido é trocado por uma sela e outros acessórios para o cavalo. Depois, segue em direção à capital, Quioto. Nas cercanias de Quioto, ele passa em frente a uma mansão e fica sabendo que o dono está à procura de um bom cavalo. Oferece-lhe então o cavalo e, em troca, recebe entre outras coisas, um arrozal, com a permissão de ficar tomando conta da mansão. Como o dono da mansão nunca mais regressa, ele acaba ficando com a mansão, o que permite que seus descendentes passem a ter uma vida próspera.

Trata-se, como se vê, da história de um jovem que a partir de uma palha de arroz e através da realização de trocas vantajosas, acaba se tornando um milionário. A mesma história do milionário da palha de arroz pode ser encontrada em outras obras como:

Kohon setsuwashû (História nº 58, v. I);
Konjaku monogatarishû (História nº 28, v. XVI);
Zôdanshû (volume V).

Dentre essas, a que apresenta características específicas e diferentes é a história contida em *Zôdanshû*, conforme Kunio Yanagita.⁽¹⁾

A história contida em *Zôdanshû* difere das histórias das outras obras nos seguintes pontos significativos:

- a) em *Zôdanshû* o personagem é identificado como uma pessoa que tem fé;
- b) não se encontra a passagem em que o personagem diz preferir morrer a continuar vivendo na situação em que se encontra;
- c) o que o personagem recebe em troca das laranjas não são cortes de tecido, mas sim um pano úmido de suor;
- d) a mansão, em que o personagem fica até a volta do dono da casa, fica em Nara e não em Quioto;
- e) depois de decorridos quatro anos, o dono da mansão retorna, e como recompensa pela fidelidade, torna-o seu herdeiro.

Como diz Yasuaki Nagazumi:

“Pode-se dizer que, mesmo sendo coletada numa época mais recente, em 1305, já na segunda metade da Era Kamakura, a história do milionário da palha de arroz, contida em *Zôdanshû*, foi fixada no exato momento em que já havia sido interrompido o desenvolvimento da figura humana rica em ação, que *Uji shûi monogatari* havia já conseguido construir.”⁽²⁾

(1) YANAGITA, Kunio. “*Mukashi banashito bungaku: Warashibe chôjato hachi*”. In: *Yanagita Kunio-shû* 6. Tóquio, Chikuma, 1980, p. 251.

(2) NAGAZUMI, Yasuaki. “*Uji shûi monogatarino sekai*”. In: *Chûsei bungakuno kanôsei*. Tóquio, Iwanami, 1977, p. 132-133.

Desse modo, presume-se que essa história, inserida em *Zôdanshû*, pertença a uma ramificação um pouco diferente das outras três obras.

Sendo assim, gostaríamos de tratar neste artigo das histórias contidas nas outras três obras: (*Konjaku monogatari*shû, *Kohon setsuwashû* e *Uji shûi monogatari*), principalmente as de *Konjaku monogatari*shû e *Uji shûi monogatari*, fazendo um estudo comparativo entre ambas para tentar destacar as particularidades do milionário da palha de arroz expressas em *Uji shûi monogatari*.

A história de *Uji shûi monogatari* possui algumas diferenças no que se refere à extensão da história e à maneira de expressão se comparada à história de *Kohon setsuwashû*⁽³⁾, embora elas praticamente possuam o texto semelhante. O milionário da palha de arroz de *Uji shûi monogatari* e o de *Konjaku monogatari*shû, embora possuindo praticamente a mesma estrutura, apresentam diferenças significativas.

Segundo Kunio Yanagita:

“Parece que algumas pessoas afirmam que *Uji shûi monogatari* foi reescrito após a leitura de *Konjaku monogatari*shû, mas não é um dado muito confiável. É verdade que existem algumas dezenas de histórias comuns, nas duas coletâneas, mas sabemos que, quando duas coletâneas são compiladas num mesmo país, em épocas praticamente simultâneas, é natural que haja histórias coincidentes. Esse fato pode servir como prova do favoritismo por uma determinada história, entretanto torna-se difícil afirmamos que A tirou de B.”⁽⁴⁾

Baseados nessa afirmação, podemos dizer que os autores dessas duas coletâneas registraram a mesma história em épocas e locais diferentes, mas próximos.

Comparando então, a história do milionário da palha de arroz contida em *Uji shûi monogatari* e em *Konjaku monogatari*shû, podemos apontar algumas diferenças que nos parecem significativas.

Ao pegar a palha de arroz, obedecendo à revelação feita no sonho, embora achando um tanto estranho, em *Konjaku monogatari*shû temos o seguinte desenrolar:

(3) TACHIBANA, Kenji. “*Kohon setsuwashû*”. In: *Kokubungaku*. Tóquio. v.3(2), nov. 1958, p. 66.

(4) YANAGITA, Kunio. “*Mukashi banashito bungaku: Warashibe chôjato hachi*”, p. 250.

“Embora pensando consigo se seria isto uma dádiva, confia na revelação do sonho e resolve levar a palha de arroz sem jogá-la fora.”

enquanto em *Uji shûi monogatari* temos:

“Embora extremamente decepcionado, ao achar que era esta a dádiva de Buda, e, ao mesmo tempo, achando que Ele deveria ter algum propósito, foi andando, enquanto brincava com a palha de arroz.”

Não obstante se note a crença na deusa Kannon nas duas histórias, em *Uji shûi monogatari* percebemos um sentimento de insatisfação, como quando se é contrariado numa expectativa. Aqui, o sentimento de ambição, peculiar ao ser humano, parece ser mais forte. Esse tipo de ambição pode ser visto em trechos da história de *Uji shûi monogatari*:

“Enquanto comia, pensou: ‘O que receberei em troca daquelas laranjas? Não deverei ficar de mãos vazias, pois tenho a ajuda da deusa Kannon’.”

Essa passagem mostra claramente o sentimento de ambição do personagem, que já espera receber algo em troca das laranjas.

Ainda em *Konjaku monogatarishû* vemos o personagem imaginando:

“Peguei uma palha de arroz e esta se transformou em três laranjas. Essas laranjas foram substituídas por três cortes de tecido. Quem sabe se esse cavalo esteja morto apenas aparentemente e logo ressuscitará e se tornará meu, de tal forma que, três cortes de tecidos serão substituídos por este cavalo?”

Em contrapartida, em *Uji shûi monogatari* temos um outro desenrolar de raciocínio do personagem:

“Uma palha de arroz se transformou em três laranjas. As três laranjas, em três cortes de tecido. Estes cortes deverão naturalmente se transformar em cavalo.”

Percebemos nitidamente que a troca já é considerada como algo natural (ou como decorrência natural das mudanças observadas).

Mais adiante, pensando em vender o cavalo antes de chegar à capital, o personagem passa justamente em frente à casa de uma pessoa que necessitava, naquele exato momento, de um cavalo. Esta pessoa pergunta ao jovem:

“No momento, não tenho sedas para vos dar em troca, mas trocaríeis pelos arrozais de Toba e pelo arroz já colhido?”

Essa proposta é imediatamente aceita pelo personagem de *Konjaku monogatarishû* que diz:

“Na realidade gostaria de receber sedas, mas se vós necessitais realmente de um cavalo, vamos fazer o que vós propondes”

Em contraposição, o personagem de *Uji shûi monogatari* mostra-se prejudicado com a troca e toma atitudes de quem está fazendo um favor:

“O jovem pensou consigo que isso seria melhor do que receber seda, mas respondeu: – Preciso mesmo é de sedas e dinheiro. Como sou um viajante, não sei o que faria com campos de arroz. Mas se vós necessitais de um cavalo, vamos fazer o que vós propondes.”

O arrozal recebido possui uma extensão um pouco maior em *Uji shûi monogatari* do que em *Konjaku monogatarishû*. Em *Konjaku monogatarishû*, o jovem arrenda todo o arrozal, vive desse dinheiro e ainda compra uma casa. Ao contrário, em *Uji shûi monogatari*, o jovem mora na mansão do próprio senhor com quem faz a troca, e, no fim, acaba recebendo tudo sem grandes esforços.

Essas pequenas diferenças não indicam que as duas histórias sejam diferentes, mas servem como um registro para mostrar que o milionário da palha de arroz, difundida na época, era apresentada pelo menos nessas duas versões. Por outro lado, a história de *Konjaku monogatarishû* dá ênfase às graças da deusa Kannon, obtidas através da fé, enquanto em *Uji shûi monogatari* se observa uma crença já bastante “egoísta” onde a deusa Kannon parece servir apenas de instrumento para realizar os próprios desejos do personagem. Em outras palavras, o personagem de *Uji shûi monogatari* é apresentado como reflexo da ambição e do interesse, sentimentos esses típicos do ser humano.

Para finalizar, remetamo-nos ao desfecho da história em *Konjaku monogatarishû*:

“Pensando que tudo aconteceu graças à deusa Kannon, continuou a visitar o templo, todos os dias. Contam que a deusa Kannon mostrou a todos que seus milagres são incomparáveis e maravilhosos.”

Em *Uji shûi monogatari*, encontramos simplesmente o seguinte desfecho:

“O dono da casa nunca mais deu notícias e com isso, a casa se tornou propriedade sua. Ele teve filhos e netos e dizem que se tornou próspero como ninguém.”

O que mostra a inexistência de qualquer referência ao milagre da deusa Kannon.

Esses traços budistas encontrados no milionário da palha de arroz de *Konjaku monogatarishû* podem ser explicados por se encontrar essa história inserida no volume referente ao Budismo no Japão. No entanto, não se pode negar que essa tendência mais liberal de *Uji shûi monogatari* constitua o reflexo da época que separa as duas coletâneas. Diz-se que na comparação com outras coletâneas de narrativas tradicionais, os traços budistas em *Uji shûi monogatari* são tênues. Segundo Yumiko Iizuka, somente um terço de *Uji shûi monogatari* é composto por narrativas budistas e ainda conforme as palavras da autora:

“Dentre os grupos de narrativas que não possuem histórias semelhantes, não encontramos praticamente nenhuma narrativa tradicional budista.”⁽⁵⁾

Em *Konjaku monogatarishû*, a história intitulada “Como um homem que fazia visitas religiosas ao Templo Hase, adquiriu fortuna graças à ajuda da deusa Kannon” apresenta-nos a concepção budista de causa e efeito, como diz Akira Fukuda no seguinte trecho do seu estudo:

“Já podemos perceber [a concepção budista de causa e efeito] no próprio título, ‘Como um homem que fazia visitas religiosas ao Templo Hase, adquiriu fortuna graças à ajuda da deusa Kannon’, isto é, este homem era um dedicado devoto da deusa Kannon e, por causa disso, conseguiu se tornar um homem afortunado.”⁽⁶⁾

Por outro lado, em *Uji shûi monogatari*, esse traço budista da devoção-obtenção de graças, baseado na concepção de causa e efeito, parece não ser tão forte como em *Konjaku monogatarishû*. Na história contida em *Uji shûi monogatari* parece predominar uma atmosfera mais mundana, e se não houvesse o milagre da ressuscitação do cavalo, talvez não ficasse tão evidente a força milagrosa da deusa Kannon.

(5) IIZUKA, Yumiko, “*Uji shûi monogatari shôron*”. In: *Kokubun*. Tóquio, v. 35, jul. 1971, p. 24.

(6) FUKUDA, Akira. “*Minwaniokeru bukkuyôteki inga shisôno ne*”. In: *Kokubungaku: Kaishakuto Kanshō*. Tóquio, v. 40(12), nov. 1975, p. 95.

As histórias dos milionários têm como tema o enfoque dado a elementos como a felicidade, a riqueza, a prosperidade dos descendentes, etc. Perguntamo-nos qual seria a razão dessas histórias serem tão difundidas?

Nobutsuna Saigô explica, nos seguintes termos:

“A razão não deixa de ser outra senão o fato de a realidade da vida do povo ser desafortunada, pobre e miserável. Ou seja, insatisfeito com a realidade de infortúnios, de pobreza e de miséria, o desejo de lutar contra esse estado de coisas e de sobrepujá-lo torna-se a origem e a força geradora para a produção das histórias fantasiosas. [...] Mais importante ainda é o fato de que, mesmo lutando contra o infortúnio, a pobreza e a desgraça, o povo não possuía nenhum meio concreto para transpô-las. Em outras palavras, mesmo que o desejo fosse algo real, não chegava a ser possibilidade de ação, pois não havia meios para realizá-lo. O fato de os recurso literários do conto folclórico terem se desenvolvido deve-se exclusivamente ao aspecto da casualidade.”⁽⁷⁾

Saigô se refere à palavra “casualidade” que deve ser levada em conta com bastante atenção, quando analisamos as narrativas tradicionais com características de histórias antigas.

No caso de “O milionário da palha de arroz”, a casualidade referida por Saigô é encontrada nas várias trocas (a palha de arroz pelas três laranjas, estas por três cortes de tecido, ester por um cavalo, etc.). Se não levarmos em conta a “ajuda” da deusa Kannon, todas essas trocas foram possíveis porque, por acaso, o jovem se defronta seguidamente com pessoas que necessitavam justamente das coisas que ele dispunha.

Com relação ao personagem, é pertinente destacarmos as seguintes características que podemos perceber através deste trecho de *Uji shûi monogatari*:

“... sozinho no mundo, sem pais, amo, esposa ou filhos.
[...] ele fez uma peregrinação ao Templo Hase para pedir ajuda à deusa Kannon.”

Percebemos que o fato de ser pobre, de não possuir família e emprego significavam para o personagem a infelicidade total. Ao contrário, o fato de possuir fortuna e não ser só no mundo eram condições inerentes para se alcançar a Felicidade.

Segundo Mitsugu Takahashi:

(7) SAIGÔ, Nobutsuna. “*Konjaku monogatari: minwano hôhônitsuite*”. In: *Nihon bungaku*. Tóquio, v. 3, fev. 1954, p. 5.

“O fato de [os personagens] não possuírem desejos como os de serem reis ou rainhas, serem governantes de um país ou serem donos de um castelo, reflete o humilde e comovente sonho e o anseio simplório do povo.”⁽⁸⁾

Acreditamos que esta história nasceu no seio do povo e sofreu pequenas modificações enquanto era difundida, tornando-se, assim, uma espécie de amparo do povo. Mas o mais importante parece ser o fato de ela oferecer, por menor que fosse, um sonho a um povo tão sofrido.

Sabemos que o fato de o homem sonhar com algo que não possui é eterno e univesal.

Com base nessa psicologia, talvez fosse coerente afirmar que esta foi a razão de o milionário da palha de arroz ter grande aceitação por parte do povo. Trata-se de uma história que aos humildes fazia sonhar e aos nobres apresentava um mundo completamente diferente do seu.

Ainda com relação ao “humilde sonho” do povo, devemos tecer uma rápida consideração, baseada na análise da psicologia do personagem.

O Budismo entrou no Japão por volta da primeira metade do século VI, mas a sua difusão, no início, aconteceu somente entre a classe privilegiada, sem que o povo tivesse acesso a ele.

Como diz Shôkin Furuta:

“Hônen fundou a seita Jôdo em 1175 e, em 1191, Eisai regressa ao Japão, trazendo consigo a Escola Ôryu da Seita Rinzai. É a época em que bonzos como Jûgen e Myôe se destacaram pelas suas atividades. É ainda a época em que o Budismo popular começa a surgir. [...] O novo Budismo da era medieval japonesa surge como ensinamento de uso prático imediato.”⁽⁹⁾

O Budismo, em geral, começa a se expandir somente por volta do século XII. Para atrair o interesse do povo, dava-se grande ênfase a esse caráter prático. No milionário da palha de arroz, embora a revelação da deusa Kannon tenha demorado 21 dias, o tempo que o personagem leva para alcançar o seu objetivo não parece ser muito longo. Sentimos que, em questão de minutos, a palha de arroz se transforma em arrozais. Nesta história, o

(8) TAKAHASHI, Mitsugu. “*Uji shûi mongatarino chûseiteki seikaku*”. In: *Gengoto bungei*. Tóquio, v. 64, maio 69, p. 13.

(9) FURUTA, Shôkin. “*Uji shûi monogatarikara*”. In: *Zaike bukkyô*. Jan. 1968, p. 68 e 70.

personagem faz um pedido ameaçador, dizendo à deusa Kannon que, se ele não puder deixar essa vida miserável, deixar-se-ia morrer de fome ali mesmo.

Em posse da palha de arroz, no entanto, o jovem, apesar da sua humilde condição, caminha firme em busca da realização de seu sonho, deixando, no leitor, a imagem de alguém extremamente resoluto e determinado.

(Este trabalho constitui parte da Dissertação de Mestrado apresentada junto à Universidade Feminina Ochanomizu, Tóquio, Japão.)